

Depois da Colheita da Maçã – Robert Frost

Minha longa escada dupla atravessando uma árvore
Em direção ao céu
E há um barril que não enchi
Ao lado, e talvez duas ou três
Maçãs que não colhi do galho
Mas por agora acabei de escolher as maçãs.
A essência do sono de inverno está na noite.
O sonho das maçãs: é como um sonho.
Mesmo que esfregue os olhos, tenho sempre em mente
A curiosa impressão que tive essa manhã
Olhando através de uma lâmina de gelo
Que tirei da superfície do bebedouro
E com ela olhei aquele mundo de capim
Derreteu-se e eu a deixei cair e quebrar-se
Mas já estava adormecendo
Antes que ela caísse
E podia saber
Que forma meu sonho iria tomar
Maçãs gigantescas surgiam e sumiam.
Viradas para cima e para baixo
Com as manchas todas nítidas
As plantas dos meus pés ainda me doem
Guardando a pressão do degrau da escada.
Sinto a escada balançar enquanto os olhos se curvam
E fico ouvindo o som retumbante
De cargas e mais cargas de maçãs
Caindo no celeiro
Pois foi muito grande mesmo
A colheita de maçãs: estou exausto
Da grande colheita que eu sempre desejei
Eram dês vezes mil frutas para apalpar
Acariciar com a mão, colher e não deixar cair
Pois todas
Que batiam no chão
Machucadas ou não, espetadas ou não
Eram jogadas na pilha de maçãs para fazer bebida
Sem valor.
Pode-se ver o que perturbará
Esse meu sono, seja que sono for,
Se já não tivesse ido embora
A marmota poderia me dizer se será
Como seu longo sono
Pelo modo como o descrevo
Ou só mesmo um sono humano.

Robert Frost, escritor norte-americano, nasceu em 26 de março de 1874, na Califórnia, mais precisamente em San Francisco. Considerado um dos mais importantes poetas dos Estados Unidos do final do século XIX e século XX, Frost é conhecido como o “poeta da natureza” e fez parte da chamada “sad generation”, a geração melancólica, cujas principais características são a tristeza e a descrença no futuro. O reconhecido poeta, cujas obras tinham como tema principal a natureza e tratavam das diferenças entre as pessoas, faleceu em 29 de janeiro de 1963, num final de vida marcada pela simplicidade e dedicada à plantação de maçãs e ao costume de escrever um poema por noite.

Em “Depois da Colheita da Maçã”, o autor apresenta um símbolo muito utilizado em seus poemas e que adquire vários significados dependendo da forma com que é trabalhado. Essa maçã pode tanto representar a tentação e o pecado, talvez uns dos primeiros significados atribuídos a ela e retirados dos textos bíblicos, com também a discórdia, a inocência e até a poesia, este fruto do trabalho do poeta.

O título desse poema nos conduz a uma idéia de trabalho terminado, a chegada do fim, e para quem conhece as características de um poeta da geração melancólica, é possível concluir que se trata do momento da morte. Os versos brancos e livres de “Depois da Colheita da maçã”, trazem a marca de Frost e neles podemos perceber a relação entre o homem, à natureza e a sociedade.

De início homem e natureza já estão interligados quando a vida humana é comparada à colheita da maçã; mais do que isso, o final dessa colheita indica o final da vida, a ida para o céu, o descanso depois de tantas experiências. “(...) *Minha longa escada dupla atravessando uma árvore / Em direção ao céu (...)*”.

A descrença se faz presente e o tão esperado prêmio não chegará, pois o trabalho não está terminado e possivelmente não terminará: “(...) *E há um barril que não enchi / Ao lado, e talvez duas ou três / Maçãs que não colhi do galho (...)*”. Surge a contradição e a alma do poema “pulsa” quando o eu-lírico faz a sua escolha em “(...) *Mas por agora acabei de escolher as maçãs. (...)* e a morte é lembrada naquilo que é essencial: “(...) *A essência do sono de inverno está na noite. / O sonho das maçãs: é como um sonho. (...)*”.

Homem e natureza novamente se relacionam quando a vida é comparada a uma lâmina de gelo que vai derretendo. As duas terão o seu fim e existe, por parte do eu-lírico uma aceitação dessa verdade.

“(...) *A curiosa impressão que tive essa manhã
Olhando através de uma lâmina de gelo
Que tirei da superfície do bebedouro
E com ela olhei aquele mundo de capim
Derreteu-se e eu a deixei cair e quebrar-se
Mas já estava adormecendo
Antes que ela caísse (...)*”

O sonho representaria o fim de um sofrimento, e nesse ponto o poema de Robert Frost apresenta uma possibilidade de intertextualidade com a obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, pois é difícil ler o fragmento “(...) *E podia saber / Que forma meu sonho iria tomar / Maçãs gigantescas surgiam e sumiam. (...)*” e não se lembrar da cachorra Baleia que, estando muito doente fora sacrificada por Fabiano, seu dono. Assim o autor descreve o sentimento da personagem, humanizada, que agonizava: “(...) *Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se esponjariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes. (...)*”.

O terceiro elemento da relação homem/natureza/sociedade que existe na obra de Robert Frost se aparece quando ele trata das diferenças entre as pessoas, nesse caso específico, quando nos mostra a idéia de que na nossa vida existem pessoas boas e outras que não servem para nada, assim como na colheita de maçãs, existem aquelas maçãs que são boas e outras que não servem para nada. Além disso, quando o eu-lírico indica que tanto maçãs boas como ruins se tornarão bebida sem valor, o poema exprime a visão de uma sociedade que não dá valor ao ser humano, sendo ele bom ou ruim.

*“(...) Eram dêz vezes mil frutas para apalpar
Acariciar com a mão, colher e não deixar cair
Pois todas
Que batiam no chão
Machucadas ou não, espetadas ou não
Eram jogadas na pilha de maçãs para fazer bebida
Sem valor. (...)”*

Em várias passagens do poema, o eu-lírico demonstra cansaço, fragilidade, sofrimento diante de uma vida dolorosa e, por fim, tem a certeza de que o final está próximo, da colheita e da vida, só não tem certeza de como será o seu descanso, esse sono, seja que sono for.

*“(...) As plantas dos meus pés ainda me doem
Guardando a pressão do degrau da escada.
Sinto a escada balançar enquanto os olhos se curvam (...)
(...) Pois foi muito grande mesmo
A colheita de maçãs: estou exausto
Da grande colheita que eu sempre desejei (...)
(...) Pode-se ver o que perturbará
Esse meu sono, seja que sono for,
Se já não tivesse ido embora
A marmota poderia me dizer se será
Como seu longo sono
Pelo modo como o descrevo
Ou só mesmo um sono humano. (...)”*

Vitor Fernandes / Cassia Fernanda Mendes